

Dedicação para crescer

Apesar dos avanços conquistados nos últimos anos e ganhar destaque como força que movimenta a economia brasileira, a nova classe média não está satisfeita com isso. Ela quer mais: cursos técnicos, graduação e pós-graduação fazem parte de sua nova perspectiva de vida, nem que para isso seja necessário encarar uma jornada muitas vezes maior do que 12 horas de atividade num só dia. Ou que se tenha de gastar boa parte do salário investindo em qualificação.

Raul de Souza Júnior é inspetor experimental de veículos na Fiat Automóveis. Acorda cedo para o trabalho, onde entra às 8h e sai às 18h, e de lá segue para a escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), onde faz curso de técnico em automobilismo, que concluirá em 2013. Estuda até as 23h e só chega em casa muito mais tarde. Casado e com dois filhos, ele está confiante de que a longa jornada diária vale a pena.

"Meu salário é de R\$ 3.500. Com o curso, posso me manter nesse cargo, para o qual acabo de ser promovido. Quero manter a minha qualidade de vida. Com esse salário, eu e minha família vivemos muito bem", afirma o trabalhador da montadora mineira. Raul é o típico brasileiro da nova camada social do país, retratado no livro *A nova classe média*, do economista Marcelo Neri, coordenador do Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas. Nas contas de Neri, mais 13 milhões de brasileiros devem chegar à classe média até 2014.

"O maior número de pessoas nas escolas, a estabilidade da economia e as políticas sociais estão provocando um movimento social no país. A classe média tem três booms: na época do milagre econômico, na criação do real e depois de 2003", observa o pesquisador da FGV, estimando que a classe C deve crescer 11% nos próximos dois anos.

Os números refletem realidades como a de David Charles Coelho Pires, gerente na Elon Esportes do Boulevard Shopping. Ele foi contratado como temporário no Natal de 2010 e agora já é gerente da loja. Tem ensino médio completo, mas pensa em fazer vestibular

no fim do ano – espera passar na UFMG. "Minha renda subiu de R\$ 800 para R\$ 1.400. Preciso estudar para me capacitar mais".

POR CONTA PRÓPRIA Marley Alves Pereira fez o caminho inverso ao da carteira assinada, mas não ao do aumento de renda. Ele trabalhava como motoboy numa farmácia em Contagem quando percebeu que queria atuar por conta própria. "Vinha trabalhando muito, mas não ganhava o suficiente", lembra. O primeiro passo foi se inscrever como empreendedor individual no Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais (Sebrae). Era uma forma de garantir a aposentadoria lá na frente. "Hoje, pago meu INSS e faturado cerca de R\$ 2 mil. Meu rendimento aumentou 70% em comparação ao que ganhava como empregado", afirma Marley, que hoje tem uma microempresa de entregas.

“

Meu rendimento aumentou 70% em comparação ao que ganhava como empregado

”

■ Marley Alves Pereira, empreendedor individual

BETO NOVAES/EM/D.A.PRESS

